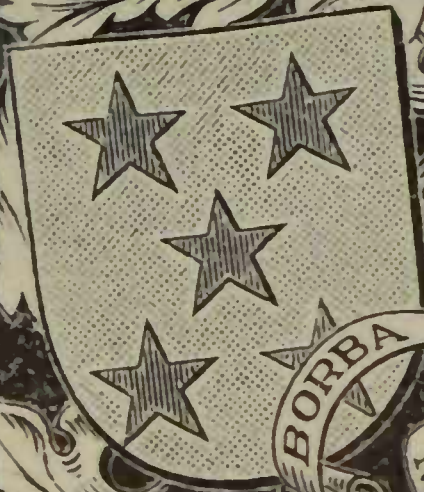




EX LIBRIS



BORBA  
MORAES

RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

AKSC

W.

Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin









---

SINHÁ FLOR

---



---

*Typ. L. Malafaia Junior-Assembléa, 76*

---



*João Barros*

# SINHÁ FLOR

pela epocha dos Chrysantemos

*B. Lopes*

RIÓ DE JANEIRO

—  
1899



«*A que ahi anda, esguia mameluca*  
«*De olhos de amendoa e tranças azeviche,*  
.....

(BRAZÕES)



Desde que te amo (e é desde que eu conheço  
A mais formosa por meus olhos vista)  
Tenho a incendiar-me a idéa fantasista  
O grande Sol de um rutilo adereço.

De uma ourivesaria cellinista  
— Gemmas de tiara e sceptro, e oiro — careço,  
Para que suba de esplendor e apreço  
A victoria do Sonho de um artista.

Possuido, esméro e acaricio a Obra,  
Vendo que ella, fulgindo, se desdobra  
Em lavor sideral e iris facetos...

Para laurear-te o Soberano Estylo  
De acclamada Cieópatra — burilo  
Uma regia corôa de Sonetos!



João Bessa  
julho 1899.

## TURRIS DAVIDICA

### I

Verve, graça e feição pompadourescas,  
Typo soberbo da mulher do Norte!  
Gloria e garbo do sport ; ativa e forte  
E' de vel-a em caçadas, ou nas pescas.

Linhas fidalgas e madrigalescás  
Dão-lhe á esbeltesa heraldico recorte ;  
Banha-lhe a fronte e o sacudido porte  
Um risonho esplendor de rosas frescas !

Tanto faz honra á sala, á mesa, ao jogo,  
Ao pomar, em assalto á manga e á uva,  
Como ao vaso amphoral do « punch » em fogo...

Radiosa dama das floraes campanhas,  
Ninguem sabe melhor trazer a luva,  
Dar alma e vida ás sedas e ás bretanhas!





## II

Pompeio o poema em purpuras; e pena,  
— Olha a dor, Coração, com que o exprimes!  
E' que só hoje eu caia aos pés sublimes  
De tão formosa castellã morena.

Sobre mim, d'essa heraldica Açucena  
Passe a roda do carro de dois vimes,  
Semeando graças, despertando crimes,  
Em paponas de sangue abrindo a arena.

Morra o mais pobre e amante dos vassallos  
Sob as patas triumphaes dos seus cavallos,  
Quando ella, ovante, em publico appareça;

Matem-me as settas e os ferinos dardos...  
Açclamando-a, por mim, ponham-lhe os bardos  
Uma estemma de rosas na cabeça!



## III

E' um gosto vel-a atravessar a rua !  
Columnas firmes, empinado o busto,  
Todo o traje de estylo ao corpo justo,-  
Dando a idéa feliz de que está núa.

De um golpe regio. Que elegancia a sua;  
Sem atavios e ouropeis de custo !  
O fino vulto erecto um ar angusto  
De estatua grega e olympica tresúa.

A rara prata que ha no seu cabelo  
Foi a quéda outomnal do Setestrello,  
E não do Hynverno as gélicas pepitas;

Tudo n'ella seduz, prende e realça,  
Mesmo, por desfastio, a pompa falsa:  
Fólhos, flócos, filós, fofos e fitas!



## IV

Esta patricia flor, que a gente ao vê-la  
Sente um cheiro de mangas e ananazes,  
Enchendo a bocca de um bouquet de phrases,  
E' do meu poente a solitaria estrella.

Liberta e só. Não ha para entretel-a  
Como a palestra accessa dos rapazes,  
Que, no seu floreo ninho de lilazes,  
Gozam do encanto de em convivio tel-a.

Abre o cofre das perolas, e touca  
De brilho e graça a voz, qual se tivesse  
Uma constellação dentro da bocca!

Flúe de si toda espiritual falerno,  
Que ás nossas almas capitoso desce,  
N'um ar de gloria intrépido e moderno!



## V

De tanto imperio outra não ha, vos digo,  
O throno de oiro da Mulher subindo...  
Ao seu olhas omnipotente e lindo  
Empallidece a estrella do inimigo.

Quando ella passa, n'um cortejo infindo,  
Vibra, da Paz no remançoso abrigo,  
O clarim da Loucura e do Perigo;  
Desprende as azas a Razão, fugindo!

Tem musicas no andar... Damas, olhai-a:  
Vêde bem o seu ar de amphora etrusca,  
A elegante expressão no erguer da saia,

Que parece romper, tai o faceto,  
No palacio do Sol, que arde e corusca,  
O bailado orchestral de um minuêto !





## VI



Certo, ao lerem-me, dizem : quem é esta  
Creatura fragrante, elpho risonho,  
Florida argila, realidade ou sonho,  
Que a alma deste cantor põe tanto em festa ?

Que o Estro lhe torna em víride floresta  
Com orchideas e passaros ?... Opponho :  
E' um ser eleito, pallido e tristonho,  
Com o diadema de Flóra sobre a testa ;

Toda a expressão da Fórma, o alto requinte  
Da graça hellena, que não ha quem pinte,  
Nem cinzél mestre que lhe apauhe a linha;

Fada extranha e gentil de mãos de prata  
Que para o amor e a gloria me arrebatá  
N'um bailado de crótales. E' minha!





## ENTRE VERDES

**Florea vergontea! Divindade humana,  
Que no solio das Dryades imperas,  
E és de um paiz de sonhos e chimeras  
Estrella regia, amada Soberana;**

**Entra, grande esplendor de primaveras,  
N'esta sem luz e humilima choupana:  
Que ella se torne, ao receber-te ufana,  
Em palacio encantado de outras eras...**

Derrama o brilho e a gloria do teu fausto  
Pela minh'alma; e, Viatico da Graça,  
Dá vida e forças ao meu ser exausto;

Que no ermo a tua Boa Vinda estale  
Dentre ladridos e halalís de caça,  
Clangôr de trompas accordando o valle!





## SERENATA

Freme a Noite romantica e propicia  
Aos accordes lethaes da serenata...  
Que suspirosa e tremula caricia,  
Que constellado pallio o céo desata !

Chega á varanda. O atrio chammeje ; e trata,  
Desflorando o sorriso da Malicia,  
De abrir todo o palacio ao luar de prata...  
Cante e fulja a baixella da Delicia !

Que a criadagem nos salões se mova ;  
Vinho e flores na mesa e oiro na alcova,  
Oiro e vinho! e um frouxél no leito floreo:

Guitarra aos dedos, redondilha á bocca,  
De aventuras de amor na febre louca,  
Bate-te á porta D. Juan Tenorio!





**EMFIM!**

Ao teu nobre perfume predilecto  
Todo eu trescalo, Grande Flor amada!  
Da peuna em myrthos, como d'alma ebriada,  
Sai-me cheiroso o proprio Verso erecto.

E' que vim de deixar, cauto e discreto,  
A tua estreita alcova perfumada:  
Como eu exhalo e tenho a essencia alada  
De um cantor plumeo, satisfeito e inquieto!...

Veuho, rompendo captivantes laços,  
Da cadeia de rosas dos teus braços,  
Em ti pensando e a tudo mais extranho;

Sabi do effluvio tépido e fragrante  
Da tua carne e do teu sangue estuante  
Como d'agua aromatica de um banho!







## TRIUMPHAL

**Aguia viril e ovante de aureas garras  
Leva-me ao dorso, em carinhoso aperto;  
Ha por mim todo o festival concerto  
De afinadas e tremulas guitarras.**

**Vibro, em notas de olympicas fanfarras,  
Sobre estas azas! Por um céo aberto  
Vou, como um deus, de gloria e amor coberto,  
Entre pompas e musicas bizarras!**

Azas no Azul ! Mortaes, embaixo, a vel-as  
Tangendo os astros, afastando estrellas...  
Flammejante condor que em luz me arrasta !

Sóes, com a explosão do meu imperio inundo !  
Sou rei da esphera e principe do mundo,  
Senhor supremo de teu corpo, e basta !





## GRAÇA

Tão amada senhora esvelta e nobre,  
Radiante e alegre, como as rosas, que anda  
Perfumando-me os versos e a varanda,  
E' a mais cheia de graça que o sol cobre.

Nem me lembro, beijando-a, que sou pobre...  
Que a minha vida célere desanda  
Esqueço, ouvindo, carinhosa e branda,  
Tão amada senhora esvelta e nobre.

Si, fresca e doce, estende-me de cima  
A mão de Alteza, que me eleva e anima,  
Nem me lembro, beijando-a, que sou pobre!

Pois a que vai, como aurea flor normanda,  
Perfumando-me os versos e a varanda  
E' a mais cheia de graça que o sol cobre!





## NOME

Ao céo erguendo-a, a cornucopia de ouro  
Do Estro emboquei; e, a fortes clarinadas,  
Pelo esplendor das limpidas estradas  
Fui soprando teu nome immorredouro!

Era o prégão da Luz por campo louro  
— Aguia cantante, azas de sol raiadas —  
Que nas tiórhas de bronze consteliadas  
Jam os Echos assoalhando, em córo,...

Lettras sidereas, épica derrama  
De astros, em choque, pela tuba afóra,  
Que o alto imperio da Fórma em ti proclama;

Bandeiras eólias desfraldadas, flóra  
De sons da Illiada, ostentosa gamma  
Da Vida accesa na explosão da aurora!





## GESTO

N'um dos teus gestos, flórido e mavioso  
A ti me prendo, amada creatura :  
E' quando a tua egregia mão procura  
O cabelo domar, corrido e umbroso.

Onda rebelde! Catadupa escura,  
Que se despenha pelo busto airoso !  
De treva e aroma — rio caudaloso  
Rolando em alveo de etheral frescura...

Que poema ardente n'esse gesto eu leio!  
Braços erguidos, sacudido o collo,  
Empinado e tremente o agudo seio...

Quando concertas os cabellos pretos  
Abre-se em lyrios e harpas todo o solo,  
Toda a minh'alma em rosas e sonetos!







## TODA !

Pela curva do pé já se adivinha  
A perna, o tronco, o dorso, o collo, os braços...  
Nunca vi outra de mais bellos traços,  
De mais pureza e correcção de linha.

Que expressão de semblante! Uma pontinha  
De malícia nos olhos — dois palhaços  
Bons e chistosos, piruetando, lassos,  
Quebrando chulas e a cantar modinha...

---

Sinto-a, ás vezes, Bacchante, em nudez plena,  
— Cabellos pretos sobre tez morena —  
Outras — laureada por meus sonhos, passa,

Legionaria de Venus, desfraldando,  
A' frente de aureo e feminino bandô,  
A victoriosa flammula da graça!





## VOX POPULI

**Toda a cidade, filha, e qualquer bócca  
Cheias estão dos nossos nomes; diz-se  
Tanta cousa de nós! E a plebe ri-se!  
Cousas de porem-me a cabeça louca!**

**Essa auréola feliz, que anima e touca  
As feições de quem ama, a garridice  
Do teu semblante, cheio de meiguice,  
Rastilha a Inveja, que, em villeza, espoura.**

Como, si mais te quero, e a ti me entrego  
Languido, fraco, descuidado e cego,  
Trahir o olhar da corvejante ronda?

Tu, que, n'um beijo, o meu destino escreves,  
Toma as azas do Amor, brancas e leves  
Vamos buscar um Céu que nos esconda!





## NUVENS

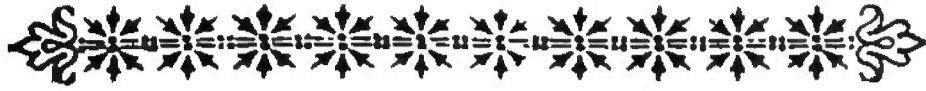
Vieram tão cedo as lagrymas, Senhora !  
Este, que hoje, infeliz, meu pranto lava,  
Foi doce Amor, que dentro em mim cantava,  
Em requiem triste transmudado agora !

Deluiu-se em Trevas a esplendente Aurora,  
Que os meus dias de sonho illuminava ;  
Sóror das Dores, minh'alma escrava  
Dasata a nenia pela Magua afóra :

Goivo da solidão, na ancia de orvalho,  
Sobre aspérrima fragoa exposto ao talho  
Das lufadas ardentes da Loucura...

Acho-me só no atro pavor de um mangue,  
Vendo a Hostia da paz subindo a altura,  
Salpicada de lagrymas e sangue!





## CIUME

Infunde-me um pavor de Hora tremenda  
Teu braço a arder em seda purpurina,  
Terminando em tulipa de alva renda,  
D'onde emerge essa mão nervosa e fina.

Evóca imagens de sinistra lenda,  
Onde ha, soltando a extrema cavatina,  
Um bardo e amante, sob o luar, na tenda,  
E uma rainha pallida e assassina...

Braço, de ancias, paixão e orgulho feito!  
Nunca me caias tu, gracioso vime,  
A's rajadas do Ciúme sobre o peito;

Que essa mão de princeza altiva e louca  
Jamais, nos lances tragicos do Crime,  
Me apague os olhos e me feche a bocca!







## QUEIXAS

Para exaltar a graça inextinguível,  
O floreo golpe do teu ser galante,  
Bruní do Verso o rútilo diamante,  
Cinzelei o Soneto o mais possível.

Puz-lhe azas e alma! e, com trabalho incrível,  
Dei-lhe esplendor á Fórma extravagante...  
Partiu ancioso! e, passaro faiscante,  
Cantou, pousado de teus pés ao nível:

Abria o bico de oiro aos teus ouvidos,  
E a pluma irial abria á tua vista,  
Deleitando-te os orgãos commovidos...

Si o que fui ainda sou, como ha de agora  
O mesmo aureo gorgeio pantheista,  
A mesma pluma te ferir, Senhora?!





## VIGILIAS

Na macerada pallidez de lyrio,  
Que a rosa murcha de seu rosto esfria,  
Leio-lhe as tardas horas de agonia,  
Com os fantasmas da Insomnia e do Delirio.

Apunhalada esposa do Martyrio,  
Véla, no claustro da Melancholia,  
O cadaver do Sonho, noite e dia,  
Como silente e funerario cirio.

Presas sempre a esse féretro incorporeo,  
Sem repouso dos membros fatigados  
Nas angustias carnaes do seu velorio !...

— Na vossa fonte purã de Clemencia  
Banhai-lhe os olhos tristes e abrazados,  
Meu Sagrado Jesus da Penitencia!





## VIA DOLOROSA

**Oh ! Madona das Lagrymas ! Espera  
Pelo Espirito Santo do Carinho,  
Que ha de descer, como piedoso linho,  
A' tua humida palpebra sincera.**

**Eu examino o pó, o seixo e a hera  
Do teu amargo e intérmino caminho,  
Para d'elle afastar o acerbo espinho,  
Que os teus pés gemedores dilacera.**

Tudo darei no mundo : a vida e a gloria  
— Esses trophéos da espirital victoria —  
Só para ver a tua face enxuta !

Repousando entre os cardos e os escolhos,  
Limpa em meu labio o goivo dos teus olhos...  
Oh! meu Lyrio de Lagrymas ! Escuta!...





## CALVARIO

Era todo o meu roseo devaneio,  
Meu anhelô febril, meu sonho de Arte,  
De myrtho em flor e rosas corôar-te,  
De Açucenas do Bem florir teu seio.

Abrir do Affecto o crystallino veio  
Para, doce e Instral, dessedentar-te;  
Ver-te gloriosa e alegre em toda a parte,  
Eis meu desejo, o meu profundo anseio!

Mas tens á fronte, Lacrymoso Lyrio,  
A rasgante Corôa do Martyrio,  
Em vez das rosas, do laurél de myrthos !

Vens derramar, atormentada e langue,  
A santissima gotta de teu Sangue  
Na Cruz aberta dos meus braços hirtos !...

*Junho, ás primeiras lagrymas  
do Hynverno.*





**DO MESMO AUCTOR**

**OBRAS PUBLICADAS**

*Chromos*

*Pizzicatos*

*Dona Carmen*

*Brazões*

*Chromos (2ª ed.)*

*Sinhá Flor*

**PROMPTO, A PUBLICAR**

*Val de Lyrios — poesias.*

**EM PREPARO**

*Hellenos — sonetos*



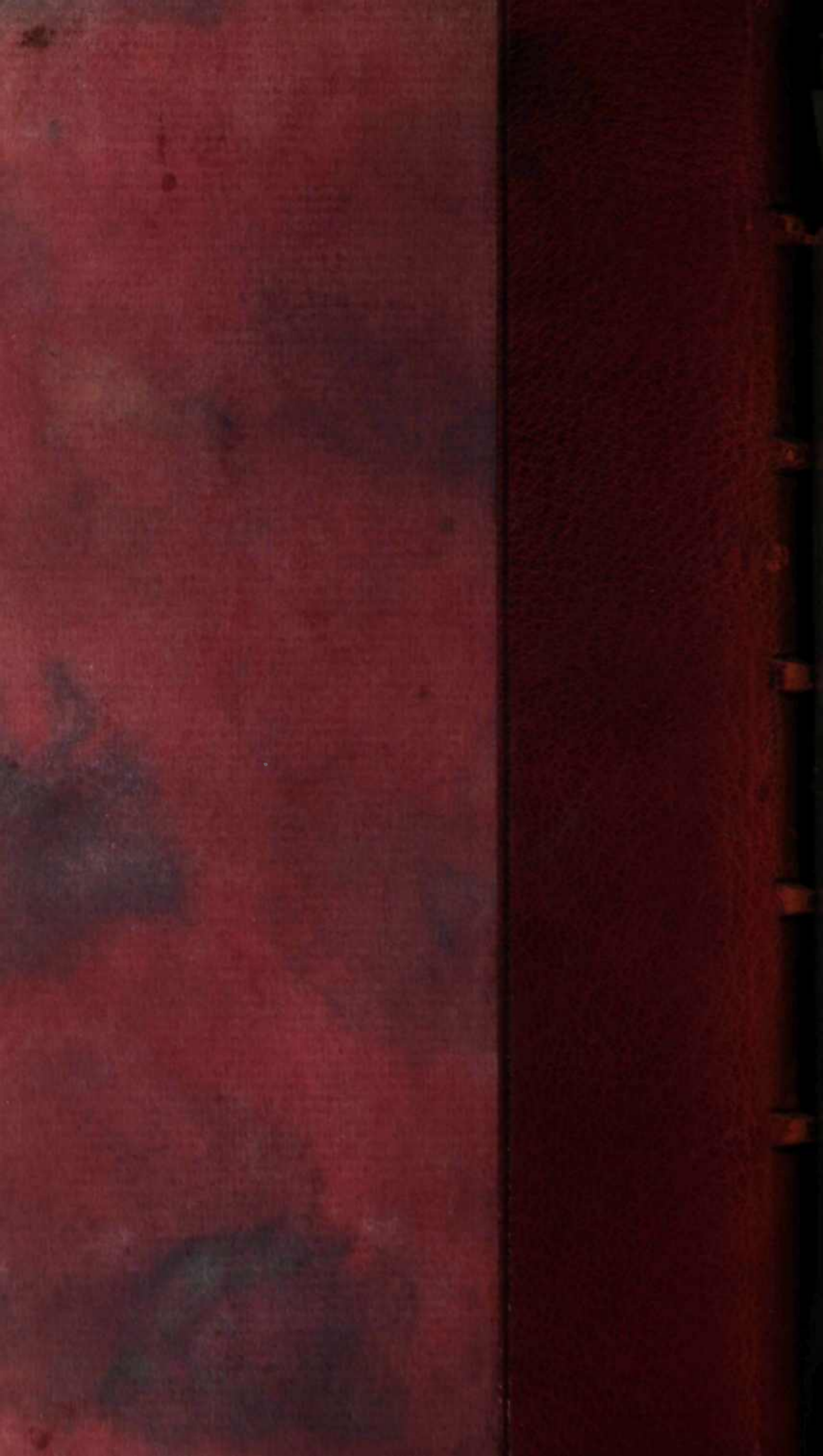














## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).